

Tema: Os impactos da escassez de água no século XXI

Em “O Auto da Barca do Inferno”, Gil Vicente, o pai do teatro português, tece uma crítica ao comportamento vicioso da sociedade. Fora da ficção, o Brasil do século XXI demonstra as mesmas conotações no que se refere aos impactos da escassez de água. Diante dessa perspectiva, percebe-se a construção de um panorama danoso, que persiste por conta da precária base educacional e a lenta mudança na mentalidade social.

Convém ressaltar, a princípio, que a insuficiência educacional é um fator determinante para a persistência do problema. Nesse sentido, o filósofo Schopenhauer defende que os limites do campo de visão de uma pessoa determinam seu entendimento a respeito do mundo. Nessa perspectiva, o aumento da estiagem de água é resultado do pouco conhecimento da pessoa, adquirido em sua carreira escolar. Desse modo, é mister providenciar mudanças nesse cenário.

Além do mais, ressalta-se que a contínua mentalidade social, também se configura como entrave no que tange à falta hídrica. Conforme Durkheim, o fato social é a maneira coletiva de pensar. Sob essa lógica, é possível perceber que o termo “Água ser infinita” é fortemente influenciada pelo pensamento coletivo, uma vez que, se as pessoas adotam esse comportamento, mais será difícil resolver o problema. Dessa forma, são necessárias ações mais efetivas que visem à solução do impasse.

Portanto, para que a escassez de água deixe de fazer parte da realidade brasileira, medidas precisam ser tomadas. Para tal, cabe ao Ministério da Educação (MEC) - principal órgão público responsável pela legislação e regulamentação da educação, incentivar palestras, projetos escolares e webconferências, de modo efetivo, para que as pessoas tenham, desde cedo, conhecimento do problema, e comecem a combatê-lo. A partir dessas ações, espera-se promover a construção de um Brasil melhor.